

Seção de Resenhas Ruthberg dos Santos

O Automóvel e a Floresta

Obra: GRANDIN, Greg. Fordlândia: Ascensão e Queda da Cidade Esquecida de Henry Ford na Selva. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Se o leitor busca simplesmente o relato de uma experiência exótica de um magnata norte-americano na Floresta Amazônica, ele se deliciará com a leitura do livro de Greg Grandin. Nele encontrará o périplo de um grupo de norte-americanos, enviados por Henry Ford, para uma propriedade com cerca de um milhão de hectares – quase do tamanho do estado de Connecticut – situado às margens do rio Tapajós, no já distante ano de 1928. Se espantará com a arrogância e o despreparo dos estadunidenses em enfrentar a maior floresta tropical do mundo, tendo, inclusive, como consequência a morte de diversos nordestinos que migravam em busca de melhores condições de vida. Constatará a ingenuidade de um grupo de homens ao acreditar que seu modelo civilizatório é universal, podendo ser trasladado facilmente para outras culturas, mesmo que bem distintas. Em suma, terá horas de leitura agradável, que renderá boas conversas em encontros sociais, principalmente se esquecer o lado trágico da aventura.

No entanto, este não será o único tipo de leitor que será recompensado ao se debruçar sobre o livro. O leitor com espírito crítico, aquele que não busca tão somente o passar das horas com relatos extravagantes, encontrará no texto de Greg Grandin farto material para suas reflexões.

Conseguirá vislumbrar o lado obscuro da história de sucesso de Henry Ford e sua empresa. Constatará que lado a lado com a relativamente alta remuneração paga aos seus funcionários, caminhava o aumento da velocidade da linha de montagem até alcançar os limites da resistência humana e a opressão brutal de seu Departamento de Serviços com uma força de três mil homens, comandada por um ex-pugilista que aterrorizava os funcionários, usando até mesmo a morte para desmobilizar a ação do sindicato.

Descobrirá a opressão que pavimentou de borracha as ruas de Manaus nas cercanias do Teatro Amazonas, para que a platéia não fosse importunada pelo som dos veículos sobre o calçamento. Deixará revelar que o epíteto de Paris tropical – ora dada a Belém, ora dada a Manaus, devido aos seus grandiosos bulevares, seus palácios e restaurantes franceses – para as capitais da borracha, foi conquistado pela aspiração da fumaça tóxica que levantava do processo da produção da borracha, por seringueiros famintos e prematuramente envelhecidos por um regime de escravidão associado a um eterno endividamento.

Se impressionará com a soberba imperial com que alguns homens, que se autodenominavam como civilizados, descartavam o conhecimento obtido por nativos simples ao longo de anos de lide com a floresta, para se apegar a técnicas inadequadas de manejo com um meio ambiente que desconheciam por completo. Técnicas estas que levaram a verdadeiros crimes ambientais.

Em suma, tanto o curioso quanto o crítico social encontrarão neste livro uma obra inesquecível.

José Ricardo Maia de Siqueira, D. Sc.
Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro
jrms@facc.ufrj.br